

O PREFIXO *DES-* NUM TEXTO PORTUGUÊS DO SÉCULO XV CONTRIBUIÇÃO PARA UM ESTUDO DE MORFOLOGIA DERIVACIONAL DIACRÓNICA

MARIA DO CÉU CAETANO E MARIA TERESA BROCARDO
(Universidade Nova de Lisboa)

1. Introdução

O trabalho que nos propomos apresentar enquadra-se numa investigação, ainda em fase inicial, sobre a morfologia derivacional do português numa perspectiva diacrónica, tendo partido da constatação de que, embora o português (europeu) contemporâneo tenha sido já objecto de alguns estudos recentes sobre formação de palavras (como, por exemplo, Villalva (1986) e (1994), Ferreira (1992) e Rio-Torto (1993)), os estudos de morfologia em fases passadas da língua portuguesa e também as abordagens propriamente diacrónicas têm privilegiado claramente a morfologia flexional (situação que encontrará decerto paralelo em outras línguas). De facto, percorrendo algumas obras de carácter abrangente sobre a história da língua portuguesa, facilmente se verificará que, dentro dos aspectos morfológicos referidos, a morfologia derivacional ocupa invariavelmente um espaço muito reduzido, claramente inferior ao reservado a aspectos relativos à flexão. Por exemplo, em Teyssier (1982), os capítulos sobre morfologia, que aparece conjuntamente com a sintaxe ("Do latim ao galego-português: evolução da morfologia e da sintaxe"; "Morfologia e sintaxe" [no cap. sobre o "galego-português"], *ibid*: 16-17; 29-33), tratam apenas de aspectos relativos à flexão nominal e verbal, estando os aspectos de morfologia derivacional praticamente ausentes nesta obra, se exceptuarmos algumas notas muito breves sempre incluídas nos capítulos sobre "vocabulário" ("Do latim ao galego-português: formação do vocabulário"; "O vocabulário"[no cap. sobre o "galego-português"], *ibid*: 17-18; 33-34). Do mesmo modo, a exclusão de aspectos derivacionais em Silva (1994) é justificada por considerar a autora que estes se inseririam antes "em um estudo do léxico e não em um estudo morfológico e

sintático" (ibid: 13). Em Castro (1991) encontramos, no capítulo "Do Latim ao Português Antigo", quando é tratada a "estrutura e evolução do latim vulgar", um curto ponto dedicado à "Derivação e composição" (ibid: 126-127), mas já no longo capítulo dedicado ao "Português Antigo" (ibid: 161-240), em que se procura chegar a uma descrição deste período a partir do comentário linguístico dos textos mais antigos (*Testamento de Afonso II (1214)* e *Notícia de Torto*), não encontramos referências específicas a aspectos derivacionais, excepto pontualmente quando se dá conta da origem de algumas formas (e isto apesar de os textos comentados apresentarem diversas palavras que seria sem dúvida oportuno comentar quanto a este aspecto — vejam-se formas como *mãda*, *folgãcia*, *deuier*, *departiã/departan*¹, *aquestas/estas*, *demorancia*, *aguardada*, *nouea/nona* (*Testamento de Afonso II*, 1214) *acanocese*, *defructar*, *quebrãtado*, *fílmento* (*Notícia de Torto*), para referir apenas alguns exemplos que poderiam motivar reflexões sobre morfologia derivacional numa perspectiva diacrónica, no que respeita, por exemplo, a aspectos relativos às mudanças que terão afectado o valor e/ou produtividade de determinados afixos ou a ocorrência de alguns processos morfológicos). Não deixaremos, porém, de notar que alguns estudiosos descreveram já aspectos da morfologia derivacional do português numa perspectiva diacrónica e dentro destes ocupam um lugar de grande importância os autores de gramáticas históricas, que percorremos procurando sobretudo verificar o tratamento dado à derivação (por oposição à flexão) e o estatuto atribuído à prefixação.

Nas gramáticas históricas do português que consultámos (v. bibliografia), a flexão aparece sempre tratada de forma mais exaustiva do que a derivação, havendo mesmo algumas (cf. Cornu (1906²) e Williams, (1975³)) em que a morfologia só abarca a flexão. Quando os autores tratam quer a flexão quer a derivação, o espaço que é reservado à primeira é muito maior². Não cabe aqui discutir demoradamente as razões que estarão na origem desta aparente secundarização da morfologia derivacional diacrónica, relacionadas com vários factores interdependentes, como a maior dispersão dos dados relevantes e as próprias características dos processos derivacionais, supostamente "irregulares" por oposição aos flexionais (o que por sua vez se poderá associar a algumas concepções de "morfologia" subjacentes ao discurso dos estudiosos). Estes aspectos reflectem-se de forma particularmente sensível nos resultados dos estudos de carácter histórico, dificultando a obtenção de contrastes diacrónicos evidentes comparáveis àqueles a que se tem chegado a partir da análise de traços relativos a características associadas à flexão (e que têm permitido inclusivamente estabelecer periodizações baseadas nesses traços). Notaremos ainda que a distinção entre flexão e derivação parece estar subjacente, ainda que de forma não explícita, à definição de subtipos de analogia que operam a nível morfológico — veja-se a distinção entre "mudança analógica" (*analogical change*) e "criação

analógica" (*analogical creation*) em Bynon (1986⁵: 34-41) (em especial os exemplos apresentados).

A maior parte dos autores de gramáticas históricas que tratam aspectos derivacionais (com exclusão de Said Ali (1964³) e Martins (1937²)) inclui a prefixação na composição e não na derivação, justificando esta opção com base no critério de maior autonomia dos prefixos³. Contudo, frequentemente, ao definirem "palavras derivadas" consideram que as "palavras compostas por prefixos" estão abrangidas por essa definição, o que nos mostra que, para eles, a fronteira entre derivação e composição não é nítida.

Said Ali (1964³: 229), que, como já referimos, adopta uma posição diferente, apoia-se em "Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos lingüistas" para rejeitar a inclusão da prefixação na composição porque não aceita como justificação o argumento de autonomia do prefixo, visto que, remotamente, o sufixo "procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente". É de notar que ainda hoje, quando se trata de distinguir prefixos de sufixos, o maior grau de autonomia dos primeiros é quase sempre tido em consideração, aspecto referido, por exemplo, em Cunha e Cintra (1984: 85-86), enquanto em Mateus *et al.* (1990: 433) se salienta o facto de os prefixos serem "constituintes com menor grau de intervenção na determinação das propriedades da palavra complexa em que ocorrem". Mas actualmente a prefixação aparece quase sempre incluída na derivação e não na composição e, inclusivé, têm sido feitas tentativas de uma demarcação nítida entre prefixos derivacionais e outros elementos iniciais ("initial combining forms", v. Iacobini (1997)) que operam de acordo com as regras da composição.

Além das histórias da língua e gramáticas históricas, encontram-se ainda alguns estudos dispersos, como, por exemplo, Piel (1989²), em que se descrevem aspectos particulares relativos à morfologia derivacional numa perspectiva diacrónica. E julgamos que, tendo em conta o estado actual dos conhecimentos sobre a morfologia derivacional histórica do português, e o objectivo geral de contribuir para um aprofundamento desses conhecimentos, a descrição de dados atestados é, de facto, prioritária.

É objectivo específico da nossa comunicação descrever o prefixo *des-* a partir dos dados obtidos no levantamento exaustivo feito num texto português do século XV — a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara — cuja adequação como fonte para este tipo de estudo não deixámos de ponderar. Sem desenvolver aqui todos os aspectos pertinentes relativamente a esta problemática, notaremos apenas que as observações que têm sido feitas por autores que trataram a questão (Silva (1991: 38-39); Castro (1991: 178-181)) são coincidentes em apontar como fontes a explorar em estudos de carácter morfológico (ou "lexical") os textos literários em prosa, tendo em conta sobretudo a potencial riqueza de dados que oferecem neste domínio. Trata-se, é

claro, de observações gerais, e a questão deve ser ponderada para cada texto (ou testemunho) específico. No caso da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* considerámos como aspectos que à partida favoreciam a sua adequação como fonte: a considerável extensão do texto (propiciadora, quer da diversidade dos dados, quer da ocorrência múltipla de uma mesma forma); no que respeita a questões de transmissão textual, o facto de a edição utilizada transcrever de forma conservadora um manuscrito (o mais antigo da tradição), cronologicamente próximo da redacção original, além de dar conta das variantes de um outro manuscrito pouco posterior, variantes essas que constituem dados complementares para o estudo, coincidindo ou não com as variantes que ocorrem no mesmo testemunho⁴. Uma questão meramente prática condicionou também a nossa escolha — o acesso a uma versão informatizada da edição, que facilitou as procuras, o levantamento e, sempre que necessário, a recuperação de contextos.

Antes de passarmos à descrição do prefixo na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, referiremos brevemente as principais conclusões sobre as descrições do mesmo que encontramos em algumas gramáticas históricas do português (que apresentámos mais detalhadamente em trabalho anterior — Brocardo e Caetano (1998)).

2. O prefixo *des-*

2.1. Gramáticas históricas

Quase todas as gramáticas históricas que tratam a prefixação descrevem, embora com desigual aprofundamento, o prefixo *des-*. Na sua caracterização é usado, de forma mais ou menos explícita, o conceito de produtividade. Este conceito parece-nos útil, ao menos como conceito operatório⁵, tendo em conta que, diacronicamente, os dados apontam para que as mudanças se situem justamente a esse nível, observação que é, de resto, repetidamente feita quando se define o próprio conceito de produtividade (v., por exemplo, Katamba (1994: 67)).

Na caracterização do prefixo *des-* que encontramos nas gramáticas, a discussão, naturalmente recorrente, em torno da sua origem (e a relação que frequentemente é estabelecida a este propósito com *dis-* e com *de-*) poderá considerar-se particularmente pertinente para o aspecto que nos ocupa se a entendermos, não como questão estritamente de etimologia, mas se relacionada de forma mais ampla com uma dimensão diacrónica, estabelecida, nas gramáticas, sobretudo a partir do contraste latim/romance. Das descrições/análises dos gramáticos, parece poder retirar-se a generalização segundo a qual *des-* será um prefixo produtivo em português, ou seja, é já na língua romance que *des-* ocorre como prefixo disponível para a formação de novas palavras complexas. Esta ideia parece estar subjacente às afirmações de Braga (1876: 50), segundo o qual *des-* é um dos prefixos "mais usuas que entram na composição dos adjectivos que

exprimem a ideia de negação e de mudança para pior" e ainda de Nunes (1989⁹: 394) e Câmara Jr. (1975: 231). Said Ali (1964³: 250) afirma explicitamente que "*des-*, como prefixo usado com sentido negativo ou de contradição, é a romanização de *dis-*, forma esta que se manteve inalterada em certo número de vocábulos recebidos da língua-mãe, mas cuja faculdade de criar novos termos dentro do domínio da língua portuguesa se transferiria à forma *des-*. A alteração fonética veio acompanhada de sensível diferenciação semântica, desenvolvendo-se fortemente o sentido negativo que se começava a observar em latim". Ou seja, tratar-se-ia claramente de uma inovação do português.

Em contraste com *des-*, *dis-* e *de-* apareceriam apenas em formas que ao entrarem no português eram já complexas, não participando na formação de novas palavras. Coutinho (1938: 67) considera que *de-* e *des-* são dois prefixos distintos. O primeiro "envolve a idéia de direção para baixo, origem, afastamento, separação, intensidade, sentido contrário: *declive, depor, decapitar, deportar, depenar, depender, decrescer, decompor*". No entanto, deve notar-se que os exemplos apresentados, à exceção de *depenar*, são igualmente formas derivadas já em latim, nalguns casos eventualmente introduzidas em português através de empréstimos do francês⁶, e ainda que algumas "trocas" como as citadas por Nunes (1989⁹: 394), *desbulhar/debulhar, despravado/depravado*, reforçam a ideia de que só *des-* é produtivo em português⁷.

2.2. Crónica do Conde D. Pedro de Meneses

2.2.1. Selecção das bases

Na maioria das formas atestadas (18), *des-* selecciona bases verbais⁸:

i.

[*desacordar(-se)*] (3); [*desaferrar*] (2); [*desamar*]; [*desavir-se*]; *desbaratar* (22) "pôr fora de combate, pôr em fuga, derrotar" (admitindo uma etimologia como a que é proposta por Corominas e Pascual (1980-1983), a partir de *baratar*, verbo antigo comum aos romances hispânicos, gálicos e itálicos, que teria caído em desuso apesar de se terem conservado os seus derivados); *descarregar*, [*desçercar*]; *descobrir* (62) / [*escobrir*] / *descobrir* G "observar atentamente (um lugar que será alvo de assalto posterior)"; [*desconbeçer*]; [*descullpar-se*]; [*desemparar*] (3); [*desemvolver*] "mexer (os membros)"; [*desfalleçer*] (7) / [*falleçer*] / [*desfalleçer*] G; *desfazer* (2); *desfechar* (2); *desordenar-se* (3); [*despejar*] (2) "desimpedir, desobstruir"; [*desprazer*] (ocorre também a forma nominal *desprazer*).

No segundo maior número de formas encontradas (14), *des-* junta-se a adjectivos formados a partir de participios passados:

ii.

[*desacompanhado*]; *desafiado*; [*desarmado*] (5); *desarrazoado* (2) (o adjectivo não prefixado que ocorre no texto é *rrazoado*; ocorrem ainda *rrazoado* (N), *rrazoar* e *rrazoamento*, sempre sem *a-*); [*desarremjado*]; *desavindo*; *desavisado* (5); [*descreudo*] (2) / [*descrido*] / [*descreudo*] / [*descrido*] G; [*desesperado*]; *desordenado*; [*despejado*] (ocorre também o advérbio *despejadamente*); *desperçebido* (4) / [*desaperçebido*] G "desprevenido, não preparado" (ocorre *perçeber* "prevenir, preparar"); [*despovorado*]; [*dessegurado*].

Ocorrem 3 formas em que a base é um adjectivo (não formado de participio passado):

iii.

[*desçoso*] (a forma de G, [*desejoso*], é provavelmente erro devido a *lectio facillior*); *descomtemte*; *desyguall* (4).

Em dois casos a base seleccionada pelo prefixo é um nome:

iv.

desaventura (4); *desomrra* (5).

Mas a estes poderão juntar-se outras formas, de entre as que a seguir são indicadas, uma vez que subsistem, em alguns casos, dúvidas no que respeita à sua estrutura interna:

v.

desavemça (provavelmente a partir de *desavir*); *desesperamça* / *desesperação* G (também provavelmente a partir de *desesperar*); *desobidtemça* (mas neste caso parece mais provável que a base seja de facto um nome); *desavisamemto* (2) (de *desavisar* ? ou de *avisamento*?, que ocorre); *desenfadamemto* (3) (de *desenfadar*? ou de *enfadamento*?); *desperçebimemto* (de *desperçeber*? ou de *perçebimento*?, que ocorre); *desygualleza* (3) (será sufixação de *desyguall*, que também ocorre, ou prefixação de *ygualleza*?).

Nestes casos (palavras prefixadas e sufixadas) nem sempre é fácil, como se sabe, estabelecer a ordem de junção dos afixos à base, e essa dificuldade é acrescida no caso de *des-*, prefixo que, como já vimos, não respeita a Hipótese de Unicidade da Base. Só a análise de *corpora* bem mais extensos permitirá eventualmente estabelecer hipóteses mais seguras sobre a estrutura destas formas, hipóteses que, note-se, numa análise diacrónica deverão ter em conta, embora não como critério exclusivo, a cronologia relativa das primeiras ocorrências.

Ocorre um número considerável de formas nominais com *des-* que corresponderão a derivados regressivos (deverbais):

vi.

desacordo (4); *desbarato* (7) (com as reservas apontadas a propósito de *desbaratar* — na verdade, Machado (1977³) admite as duas hipóteses: *desbarato* < *desbaratar* ou *desbaratar* < *desbarato*); *descamso* (4); *descarrega*; *desçerco*; *desemparo* (ocorre *emparo*); *desprezo* (como forma não prefixada apenas ocorre *prez*, além de *preçar* ou *prezar*, o que pode sugerir em alternativa a análise *des+prezo/preço*).

A estas poderia ainda juntar-se a forma adjectival *descallço* (2), embora esta análise não coincida com a dos etimologistas, Machado (1977³) e Cunha (1987²), que apontam uma origem *DISCALCEU-, o que se deverá talvez a uma primeira atestação mais antiga para o adjectivo (século XIII em Cunha (1987²) e XIV? em Machado (1977³)) do que para o verbo (século XV). Mas é de supor que a forma será mais antiga se atendermos à atestação muito precoce de *calçar* (século XI, isto é, em época anterior à de textos deliberadamente em romance), pelo que nos parece sustentável a hipótese de se tratar de derivado regressivo, o que tornaria dispensável o recurso a um étimo não atestado.

Resta a forma *descarrego/descargo* (G) e a sua relação com *descarrega*. Embora a origem apontada seja *descarregar* para ambas as formas (Machado 1977³)⁹, parece mais provável que a forma masculina se tenha formado sobre *carrego*, que ocorre várias vezes no texto (em alternância com *emcarrego*, quer no mesmo manuscrito, quer no manuscrito G), hipótese que viria argumentar a favor de uma produtividade do prefixo relativamente a bases nominais.

des- ocorre ainda em verbos parassintéticos (incluindo uma forma adjectival formada a partir do participípio passado de um verbo parassintético e uma forma nominal que constitui derivação regressiva do mesmo verbo):

vii.

desfalldrar / defalldrar / desfraldar G (devem notar-se as variantes, em especial *des-/de-*; a forma *faldra* ocorre no texto, mas sempre em "*faldra da serra*"; os exemplos de Machado (1977³) são coincidentes com as formas que registámos no que respeita à variação e cronologia); [*desmembrar*] (2); [*desnaturar*]; [*desnuar*]; [*desterrar*], [*desterrado*] e [*desterro*]; [*desviar*] (8) (deverá notar-se nesta forma que diacronicamente ocorreu alteração prefixal, a partir de DEVIARE, constituindo exemplo da maior produtividade de *des-* em português relativamente a *de-*).

Numa forma ainda, *des-* junta-se a um verbo parassintético:

viii.

[*desapoderar*].

2.2.2. Formas consideradas individualmente

Resta-nos fazer referência a algumas formas registadas cuja análise coloca questões mais específicas e, nalguns casos, mesmo dúvidas em termos de uma segmentação com identificação do prefixo.

ix.

a) alternância *de(s)-* / *es-* (com a mesma acepção)

[*descorrer*] (2) / [*escorrer*] (2) "correr (de diferentes lados), avançar (a embarcação)" — teríamos aqui evidência da romanização, neste caso não fixada na língua, de *dis-* (DISCURRERE > *discorrer*), bem como da alternância com *es-* (EXCURRERE).

[*despedir-se*] / [*espedir-se*] "ir-se embora, sair" — neste caso *es-* (EXPETERE) virá a ser definitivamente substituído por *des-*, sendo duvidosa a segmentação do prefixo, embora, naturalmente, argumente a seu favor a própria alternância.

destruir (13) / *estruyr* (2) / *destruyr* G; *destruição* (6) / *estroyçã* — neste caso temos etimologicamente *de-* (DE+STRUERE) e não *des-*. Será talvez de admitir uma ressegmentação (sustentada pela alternância com *es-*, que não se conservará), para a qual poderia ter concorrido uma motivação semântica, dada a conotação negativa do significado da palavra.

b) alternância *des-* / *dis-* (na grafia das formas registadas e/ou na relação com as correspondentes actuais)

[*desparar*] / [*disparar*] (2) — tendo origem em DIS + PARARE, (este de PAR-IS, segundo Cunha (1987²), e daí o sentido de "tornar igual, separar, dividir"), não parece muito provável a identificação do sufixo *des-* sugerida pela variante, embora Machado (1977³) e Cunha (1987²) citem a variante *esparar* (no século XV), que não ocorre no texto.

[*despor*] (11) / [*dispor*] (2); *despusycam* (< DISPONERE) — mais uma vez temos largamente atestada a romanização de *dis-* (o que coincide com as primeiras atestações citadas nos dicionários etimológicos, que têm regularmente esta forma), que não viria a fixar-se, o que também acontece na forma seguinte.

dessymulação (< DISSIMULATIONE-, de DIS+SIMULARE).

c) [*despacbar-se*] (7) (sentido actual), *despacbar* "desimpedir (o caminho)" — não são absolutamente coincidentes as etimologias dadas para esta forma por Machado (1977³) e Cunha (1987²), mas ambos os

autores consideram tratar-se de empréstimo que teria na origem uma forma provençal (*despachar*), esta por sua vez, segundo Cunha (1987²), do francês antigo *despeechier*, criado em oposição a *empeechier* (< IMPEDICARE). Deverá notar-se que esta última forma está também representada no português *empachar*, que ocorre no texto (*empachar*, *empacho*), pelo que é de admitir uma relação das duas formas já em português.

- d) *desvatrado* (10); *desvatro* — a diferença entre as formas prefixada (*desvatrar*) e não prefixada (*variar*), dever-se-á ao facto de a segunda ser um cultismo (século XVI, Machado (1977³)). Mas a forma prefixada, visto que não sofreu a mudança *ai* > *ei*, supõe também uma entrada tardia na língua a partir do próprio latim DISVARIARE (Williams (1975³)), ou que se tratará de empréstimo (do castelhano, segundo Machado (1977³) e Cunha (1987²)). Cunha (1987²) cita *esvariar* (século XIV).
- e) *despojar* — será castelhanismo (a forma latina DE-SPOLIARE deu regularmente em português *de/desbulbar* e SPOLIARE > *esbulbar* e por via culta *espollar*). Dificilmente se poderá admitir que, como ocorre noutros casos, a produtividade de *des-* possa motivar uma ressegmentação (*espojar*, com o mesmo sentido, ocorre no século XV, segundo Machado (1977³)).

2.2.3. Alterações das bases

Na análise das diferentes formas, observamos que *des-* tem geralmente um valor semântico estável, exprime negação, "contário de", alterando de forma regular a interpretação da base (*desamar*, *desçercar*, *desyguall*, *desomrra*, *desavisamento*, *desperçebimento*). Mas, para além do emprego de *des-* com este valor, encontramos ainda algumas formas como [*desnuar*], [*desfallecer*] e talvez *desbaratar* em que o prefixo não altera a interpretação semântica da base, funcionando eventualmente apenas nalguns casos como intensivo. Por exemplo, nos diferentes contextos em que ocorre [*fallecer*]¹⁰, o verbo é sinónimo de "faltar"¹¹ e o prefixo em [*desfallecer*] não introduz a ideia de oposição, sendo quanto muito intensivo. Said Ali apontara já (1964³: 250), a propósito de formas como *desinquieta*, "o emprego de *des-* com sentido positivo, ou pleonástico, resultante não da fusão de elementos latinos, mas da confusão de elementos já romanizados", enquanto Coutinho (1938: 65) classifica o prefixo que ocorre na mesma forma como expletivo, designação que também surge em Pereira (1935⁹: 223) e que continua hoje a ser usada.

Na forma [*descorrer*] (em alternância com [*escorrer*]), parece evidente que o prefixo não introduz qualquer ideia de negação, ficando apenas a dúvida se será expletivo, ou se conservará algum valor herdado do latim *dis*¹².

Como é sabido, normalmente, o prefixo nem sofre nem desencadeia alomorfas e truncamentos nas bases a que se junta. Contudo, como também já tinha sido apontado pelos autores de gramáticas históricas (por exemplo, Sequeira (1938: 107) e Silva Jr. (1894²: 297)), é por vezes necessário proceder a reajustamentos. Em [*desarrazoado*], confrontando as formas igualmente atestadas *rrazoado* (N e Adj), *rrazoar* e *rrazoamento*, já listadas anteriormente, consideramos que *a-* não é um prefixo, mas sim um elemento de ligação entre o prefixo *des-* e a base. Veja-se ainda [*desapercebido*], que ocorre como variante de *despercebido*.

3. Algumas considerações finais

Não é possível apresentar propriamente conclusões quando um trabalho se encontra no seu início, a não ser aquelas que se referem à própria metodologia e não aos resultados, necessariamente parciais e por isso provisórios. Julgamos que o trabalho apresentado, embora correspondendo a uma etapa necessária da investigação, é de facto, provisório, não só porque são ainda insuficientes os dados analisados, mas também porque com o seu decorrer fomos constantemente deparando com dificuldades de ordem metodológica. Mesmo restringindo os objectivos à mera descrição, foi particularmente difícil conciliar uma visão "morfológica", quer dizer, que pretende integrar estruturadamente os dados relevantes para uma descrição de constituintes e processos (de um processo) morfológicos, com a dispersão e por vezes a instabilidade dos dados, que nos desviou constantemente para análises que, por muito específicas, facilmente tenderão para uma visão atomística das "particularidades". Tal dificuldade, é claro, é comum a qualquer tentativa de descrição de dados referentes a um estado passado de língua, que por não ser nunca recuperável de forma satisfatória (não permitindo o acesso a dados complementares e impossibilitando a sua manipulação), transforma as análises em interpretações hipotéticas, se não mesmo em simples perguntas sem resposta. Mas talvez seja uma dificuldade particularmente sensível em morfologia derivacional (e voltamos ao princípio da nossa comunicação, quando referíamos as razões da secundarização da morfologia derivacional diacrónica). Para resolver a dificuldade de conciliação a que nos referimos, será necessário (re)definir e avaliar critérios, associando ponderadamente a descrição integrada dos dados com a atenção às formas individuais e ao seu percurso diacrónico particular. O trabalho que pretendemos desenvolver obriga, portanto, a uma recuperação de aspectos valorizados pela tradição dos estudos históricos da língua: a etimologia, a cronologia das primeiras atestações e, em particular, a cronologia relativa de formas relacionadas

derivacionalmente. São aqueles aspectos que, sendo geralmente considerados irrelevantes para análises sincrónicas, obviamente não poderão deixar de ser considerados num estudo diacrónico, restando, no entanto, ponderar o seu peso e avaliar criticamente a sua adequação como critérios para determinar/influenciar as análises dos dados.

Os resultados (provisórios) do trabalho não permitem, como de resto era previsível, assinalar contrastes diacrónicos sensíveis no que respeita ao prefixo estudado. Salientem-se apenas alguns indícios de que o prefixo manifestaria na época uma tendência a estender-se a formas em que mais tarde se viria a restaurar *dis-* por via culta, o que apontaria para uma maior produtividade de *des-* no português medieval, mas essa é já uma hipótese demasiado arriscada, que necessita obviamente de ser conferida, não só com a análise de dados da mesma época mais significativos quantitativamente, mas também de dados de outras sincronias. A tendência assinalada, a ser confirmada, viria ainda reforçar a solução defendida por Said Ali (1964³: 250) para a etimologia de *des-* e sua relação com *dis-*. Este remate serve também para mostrar como um trabalho que à partida não visava questões propriamente etimológicas, e nesse sentido pretendia não se apresentar como "tradicional", acabou por retomar a tradição, beneficiando, aliás, neste caso da melhor tradição da gramática histórica portuguesa.

Notas

1 As formas separadas por barra indicam as variantes, quando existem, dos dois manuscritos conhecidos do Testamento, respectivamente manuscrito L (Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo) e T (Toledo, Arquivo da Catedral).

2 Por exemplo, Said Ali (1964³) e Nunes (1989⁹), dois dos autores que mais detalhadamente estudam a derivação, apresentam, respectivamente, 199 e 202 páginas para a flexão e 43 e 53 no caso da derivação.

3 Vasconcellos (1900: 134) baseia-se igualmente na não alomorfa prefixal para reforçar o carácter composicional que, segundo ele, contribui para a identidade distinta do prefixo.

4 Não nos detemos aqui sobre estas questões, que foram tratadas demoradamente em vários pontos do estudo que precede a edição do texto (Brocardo 1994: 18-19; 305-311 e ainda, especificamente sobre as variantes, 197-205, e sobre as variantes morfológicas 212-222). As principais conclusões do estudo das variantes dos dois manuscritos encontram-se resumidas em Brocardo (1998).

5 Embora este conceito tenha sido alvo de reservas por parte de alguns linguistas — como Aronoff (1976: 35), que chama a atenção para o facto de o conceito de produtividade, apesar de correntemente utilizado em morfologia, ser empregue, frequentemente, de forma bastante vaga, referindo que um dos problemas que este conceito coloca é que "it doesn't take into account the fact that there are morphological restrictions on the sorts of words one may use as the base of certain WFRs. Thus *ment

and +ion both form nouns from verbs (*detachment, inverston*), but the latter is restricted to latinate verbs."

6 V. Cunha (1987²), que atribui origem francesa a *deportar*, tal como Machado (1977³), para o qual será ainda de origem francesa *decapitar*. De notar que Cunha (1987²) regista uma forma *descabeçar* (desde o século XIV), com a mesma acepção de *decapitar*, mas derivada imediatamente de *cabeça*, o que virá confirmar a vitalidade de *des-* desde o português antigo.

7 Relativamente ao exemplo *depenar*, confronte-se também *despenar*.

8 Os verbos são listados no infinito e os nomes e adjectivos no masculino singular. Quando não ocorrem no texto estas formas, e portanto foram reconstituídas a partir das formas atestadas, aparecem entre parêntesis rectos. Os números entre parêntesis curvos dizem respeito ao número total de ocorrências de uma palavra, que não se indica quando se trata de ocorrência única. As formas separadas por barra oblíqua correspondem às variantes assinaladas (de que se excluíram todas as variantes gráficas irrelevantes para o estudo) e quando seguidas da indicação "G" dizem respeito a variantes de um manuscrito diferente do transcrito na edição.

9 Cunha (1987²) não regista as formas prefixadas, limitando-se a referir que *cargo* tem origem no ant. *carrego*, forma feminina de *carrega*.

10 Veja-se, só a título de exemplo, "lhe nom falleçerá quem lhe esperte os omezos passados", p. 154.

11 De acordo com Machado (1977³), só talvez a partir do séc. XV é que *falecer* passou a ser sinónimo de *morrer*, mas no texto não ocorre com esta acepção.

12 Pico (1963: 430) considera, citando esta mesma forma, da mesma fonte, que ela parece ter o mesmo sentido que o latim, "correr de diferentes lados".

Bibliografia

- ARONOFF, Mark, 1976, *Word formation in generative grammar*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- BRAGA, Theophilo, 1876, *Grammatica Portugueza Elementar (Fundada sobre o methodo historico-comparativo)*, Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira.
- BROCARD, Maria Teresa, 1994, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, Universidade Nova de Lisboa - FCSH, diss. de doutoramento [publ. em 1997 por JNICT - FCG].
- BROCARD, Maria Teresa, 1998, "As variantes como objecto de estudos linguísticos diacrónicos" in RUFFINO, Giovanni (ed.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Palermo, 18-24 settembre 1995).
- BROCARD, Maria Teresa e Maria do Céu CAETANO, 1998, "Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo *des-*", com. ao XXII Congrès international de Linguistique et Philologie romanes, Bruxelas, 23-29 de Julho de 1998.

- BYNON, Theodora, 1986⁵ (1977), *Historical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso, 1975, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.
- CASTRO, Ivo, 1991, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CORNU, Jules, 1906² (1888), *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Estrasburgo.
- COROMINAS, Joan e José A. PASCUAL, 1980-1983, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 5 vols., Madrid, Gredos.
- COUTINHO, Ismael de Lima, 1938, *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CUNHA, Celso e L. F. Lindley CINTRA, 1984, *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- CUNHA, Antônio Geraldo, 1987² (1982), *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- FERREIRA, Margarita, 1992, *A formação de adjetivos em anti- em português*, Faculdade de Letras de Lisboa, diss. de mestrado.
- HUBER, Joseph, 1986, *Gramática do Português Antigo* (trad. port. do or. alem. de 1933), Fundação Calouste Gulbenkian.
- IACOBINI, Claudio, 1997, "Distinguishing derivational prefixes from initial combining forms", com. ao *First Mediterranean Conference of Morphology*, Mytilene, 1997 (cit. de resumo).
- KATAMBA, Francis, 1993, *Morphology*, London, MacMillan.
- MACHADO, José Pedro, 1977³ (1952), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MARTINS, Jaime de Sousa, 1937² (s.d.), *Elementos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MATEUS, Maria Helena M. et al., 1990, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- NUNES, José Joaquim, 1989⁹ (1919), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora.
- PEREIRA, Eduardo Carlos, 1935⁹ (1916), *Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- PICO, Maria Alexandra T. C., 1963, *A terminologia naval portuguesa anterior a 1460*, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa.
- PIEL, Joseph M., 1989² (1940), "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português" in *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, pp. 201-212.
- RIO-TORTO, Graça, 1993, *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, diss. de doutoramento.

- SAID ALI, Manuel, 1964³ (1931), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio M., 1938, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular.
- SILVA Jr., Pacheco da e Lameira de ANDRADE, 1894² (1887), *Grammatica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1991, *O Português arcaico: fonologia*, São Paulo, Contexto.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1994, *O Português arcaico: morfologia e sintaxe*, São Paulo, Contexto.
- TEYSSIER, Paul, 1982, *História da Língua Portuguesa* (trad. port. do or. fr. de 1980), Lisboa, Sá da Costa.
- VASCONCELLOS, António Garcia R. de, 1900, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Paris / Lisboa / Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte, Aillaud / Alves / Francisco Alves.
- VILLALVA, Alina, 1986, *Análise morfológica do português*, Faculdade de Letras de Lisboa, diss. de mestrado.
- VILLALVA, Alina, 1994, *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*, Faculdade de Letras de Lisboa, diss. de doutoramento.
- WILLIAMS, Edwin B., 1975³ (1961), *Do latim ao português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa* (trad. port. do or. ingl. de 1938), Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.